

# A HERMENÊUTICA NILISTA DE VATTIMO: DA FABULAÇÃO DO MUNDO À HISTÓRIA COMO HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Douglas Willian Ferreira<sup>1</sup>

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

 <https://orcid.org/0000-0002-6190-6370>

E-mail: douglasinvictus@hotmail.com

## RESUMO:

Nesse artigo buscamos problematizar a questão da verdade metafísica a partir do pensamento de Gianni Vattimo e sua proposta de uma hermenêutica nilista. Nesse sentido, abordamos a atualidade do problema e colocamos para reflexão a possibilidade de fabulação do mundo e uma concepção de história diversa daquela linear. Na tratativa da hermenêutica é conveniente destacar que a dicotomia sujeito e objeto deve ser superada afinal, antes de sujeito e objeto, há um mundo de sentido que, por sua vez, possibilita o encontro significativo entre eles. Nessa realidade, o passado não está fechado, pronto e acabado, mas podemos retornar a ele enquanto intérpretes. O eterno retorno desestrutura a pretensão de verdade do sujeito metafísico colocando-o sempre nessa condição de abertura, de interpretatividade diante daquilo que nunca se encontra superado. Assim, a hermenêutica é nilista, não somente ao corroer qualquer estabilidade da verdade interpretativa, mas mostrando que antes do sujeito há um horizonte histórico dado e que independe de suas “verdades”. O interprete que colabora nessa construção do conhecimento é o ser humano emancipado e que tem coragem de se colocar num mundo plural, sem medo, um mundo menos unitário, e por isso, menos tranquilo. Não há, contudo a defesa de um relativismo, afinal, o fato de reconhecer que a verdade é interpretação não quer dizer que tudo deva ser aceito. A interpretação tem de ser qualificada. Assim, a história enquanto história da salvação é criatividade e deve apontar para o simbólico, para aquilo que é sempre possível e que se dá como abertura de significado da letra e do texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hermenêutica nilista; fabulação; história da salvação; Vattimo.

## VATTIMO'S NIHILISTIC HERMENEUTICS: FROM THE FABULATION OF THE WORLD TO HISTORY AS THE HISTORY OF SALVATION

### ABSTRACT:

In this article, we seek to problematize the issue of metaphysical truth based on the thinking of Gianni Vattimo and his proposal for a nihilistic hermeneutics. In this sense, we address the current relevance of the problem and raise the possibility of a fabulation of the world and a conception of history different from the linear one for reflection. In the treatment of hermeneutics, it is convenient to emphasize that the dichotomy between subject and object must be overcome, after all, before subject and object, there is a world of meaning that, in turn, allows for a meaningful encounter between them. In this reality, the past is not closed, ready and finished, but we can return to it as interpreters. The eternal return deconstructs the metaphysical subject's claim to truth, always placing it in this condition of openness, of interpretability in the face of that which is never overcome. Thus, hermeneutics is nihilistic, not only by eroding any stability of interpretative truth, but by showing that before the subject there is a given historical horizon that is independent of its “truths”. The interpreter who collaborates in this construction of knowledge is the emancipated human being who has the courage to place himself in a plural world, without fear, a less unitary world, and therefore less peaceful. However, there is no defense of relativism, after all, the fact of recognizing that truth is interpretation does not mean that everything should be accepted. Interpretation must be qualified. Thus, history as the history of salvation is creativity and must point to the symbolic, to that which is always possible and which occurs as an opening of meaning in the letter and the text.

**KEYWORDS:** Nihilistic hermeneutics; fable; history of salvation; Vattimo.

<sup>1</sup>Doutor(a) em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de fora – MG, Brasil.

## Introdução

Em tempos em que a pretensão de verdade absoluta e a falta de diálogo e compreensão, escuta e relação com o diferente se torna cada vez mais nítido, é valioso pensar acerca das condições de enfraquecimento das verdades que destroem as relações sociais, políticas, econômicas e mesmo, humanas. Num contexto político em que as tensões aparecem cada vez mais se agravar, em que governantes acreditam ditar as ordens ao mundo, em que o sentimento nacionalista se aproxima de uma versão nazista de ódio ao diferente, temos de pensar maneiras de entendimento e diálogo. Para isso, a hermenêutica niilista de Vattimo muito contribui colocando em questão as verdades que subjagam e transformam o diferente como subalterno. Pensaremos, nesse artigo, essa proposta de Vattimo a partir de elementos cruciais de sua filosofia débil. Num primeiro momento, o círculo hermenêutico aponta para o papel do interprete e seu contexto na elaboração de sentidos e significados do mundo e dos fatos. Não se pode afirmar a supremacia do sujeito sobre o objeto nem do objeto sobre o sujeito. Ambos fazem parte e coabitam um mundo e nesse espaço é que o sentido se dá. O círculo hermenêutico, como veremos, aponta para o eterno retorno da história tirando-nos das concepções lineares.

Esse sujeito que interpreta não tem medo de habitar um mundo plural. É um *Dasein*, sabedor de sua limitação ou, em termos nietzschianos, um *Übermensch*, um ser cuja potencialidade está nessa capacidade de abertura. Condições tão distantes dos governantes do mundo que se veem como ditadores na medida em que sufocam o diálogo e o respeito pelo diferente. Mas esse mundo interpretável, seria um mundo relativista? Essa questão não pode deixar de ser trazida e veremos que, através de Vattimo, não é possível defender o fim das verdades e a relativização do mundo e da vida. Da hermenêutica niilista, surgirá uma nova concepção da história, não mais como história do progresso, mas como história da salvação. A história enquanto história da salvação é criatividade e deve apontar para o simbólico, para aquilo que é sempre possível e que se dá como abertura de significado da letra e do texto.

## O círculo hermenêutico

A concepção de círculo hermenêutico ilustra o que Vattimo entende como uma hermenêutica niilista. Embora, o autor tenha escrito duas obras dedicadas exclusivamente à questão da interpretação e da hermenêutica<sup>2</sup>, e nelas tratado sobre essa temática, é em *As aventuras da diferença* (1988) que se encontra uma densa exposição sobre o círculo hermenêutico e sua resultante niilista:

[...] antes de todo o reconhecimento de algo como (*als*) algo, cognoscente e conhecido pertencem-se já mutuamente: o conhecido encontra-se já dentro do horizonte do cognoscente, mas apenas porque o cognoscente está dentro do mundo que o conhecido co-determina. Ao círculo hermenêutico, nesta sua formulação esquemática, podem reportar-se os três elementos constitutivos daquela que chamamos, utilizando termos de origem gadameriana, a ontologia hermenêutica: a recusa da 'objetividade' como ideal do conhecimento histórico [...]; a generalização do modelo hermenêutico a todo o conhecimento, histórico ou não, a linguisticidade do ser (Vattimo, 1988, p. 30).

Para que aconteça a interpretação e ela não seja colocada na condição de verdade daquilo que se interpreta é necessário reconhecer que sujeito e objeto estão partilhando de um mesmo mundo, ou melhor, de uma totalidade significativa, e isso implica uma pertença recíproca entre ambos, de tal modo que só há objeto porque existe um sujeito que se volta para ele enquanto tal

<sup>2</sup> As obras a que se faz referência aqui são as seguintes: *Para além da interpretação* (1999) e *Ética de la interpretación* (1991).

e lhe dá um significado no contexto em que se encontram, superando assim as concepções realistas que valorizavam o objeto em detrimento do sujeito. Do mesmo modo, não existe sujeito se não houver um objeto ao qual ele está remetido, que ele se põe a entender e que compartilhando do mesmo mundo dá ao ser humano um sentido mediato, superando assim toda concepção idealista que enfatiza a figura do sujeito e faz dele alguém indispensável para a constituição do mundo. Segundo Heidegger, de quem emana uma concepção positiva de círculo hermenêutico, essa pertença recíproca resulta numa superação dessa dicotomia e oposição entre sujeito e objeto. Ou seja, sujeito e objeto compartilham um horizonte hermenêutico ou um mundo. Isso implica dizer que antes de sujeito e objeto, há um mundo de sentido que, por sua vez, possibilita o encontro significativo entre eles. Em outros termos, o segredo aqui não está nem no objeto e nem no sujeito, mas no horizonte hermenêutico (ou mundo) que eles compartilham. Encontra-se aqui um rechaço à concepção objetivista do conhecimento histórico, abrindo espaço para uma nova ideia de seu desenvolvimento, não mais atrelado a um modelo linear da concepção hebraico-cristã de história, mas que dialoga com aquilo que Nietzsche chamou de eterno retorno<sup>3</sup>.

Essa maneira de compreender a história indica, num primeiro momento que o ser humano deve se conhecer, não segundo um modelo de introspecção, de reflexão de si mesmo, de autoconsciência, mas sendo consciente do passado que o constitui. Nesse sentido, “não somos o *télos* da história, mas sua produção casual, o que significa que, para conhecer a nós mesmos, temos de imergir no passado, mas sem *fortes* critérios de ordem ou de escolha” (Vattimo, 2010, p. 144). Isso indica que o passado não está fechado, pronto e acabado, mas que se pode retornar a ele enquanto intérpretes. Contudo, é importante ressaltar que esse intérprete não se coloca numa postura metafísica de alguém que encerra em sua interpretação todas as outras possíveis leituras desse passado. O próprio intérprete é uma interpretação. Não é um dado forte, alguém dotado de autoconsciência e, por isso, alguém que afirma a verdade sobre o que interpreta. Está aqui imbricada a questão da posição que o ser humano ocupa diante do tempo: não como seu senhor, como aquele que mantém seu domínio, pelo calendário, pelo relógio ou pelo movimento dos astros, mas como aquele que está imerso na temporalidade enquanto uma categoria existencial.

O eterno retorno, que parece sustentar a ideia de círculo hermenêutico, não pode ser entendido como uma encenação e repetição do passado, pois estaria sujeito a retornar na metafísica e sua ideia de representação. Ele aponta não para uma compreensão do ser como presença, mas como ausência de fundamento de tal modo que o eterno retorno desestrutura a pretensão de verdade do sujeito metafísico colocando-o sempre nessa condição de abertura, de interpretatividade diante daquilo que nunca se encontra superado, mas que pode ser resgatado e revisto a qualquer momento<sup>4</sup>. Nesse sentido, o passado não é um fardo que deve ser abandonado,

<sup>3</sup> Não desconsidera-se, mas também não é possível entrar aqui nas aparentes contradições que esse conceito pode resultar, como o fato de que sendo defensor da liberdade do ser humano, principalmente da desvinculação das verdades metafísicas, o eterno retorno parece não abrir espaço para essa liberdade ao afirmar que “as ações do homem são simplesmente o produto do devir cíclico do cosmos” (Vattimo, 2010, p. 10), e isso implica também numa possível concepção metafísica do mundo.

<sup>4</sup> Há aqui uma questão a ser discutida: não seria o eterno retorno uma concepção determinista da realidade? Eterno retorno do mesmo, do ponto de vista cosmológico, significa que o que foi se repetirá. Portanto, como se pode falar em abertura diante de tal determinismo? Não seria, então esse conceito nietzschiano, um conceito metafísico? Como conciliar a escolha do ser humano com o desenrolar determinista da história? Segundo Neto, no artigo *O eterno retorno do mesmo e a subversão da noção de fatalismo* (2018), para responder a essas questões é necessário entender a relação que Nietzsche estabelece entre história e fado, ou, destino. Afirma Neto (2018, p. 125): “Concebendo o homem como um ente possuidor de uma vontade livre, mas que, ao mesmo tempo, estaria inserido em círculos de determinações sociais e fisiológicas, o jovem Nietzsche vai tentar afastar a unilateralidade exclusiva dos polos ‘vontade’ e ‘fado’”. Aqui, o ser humano não é entendido como detentor de uma livre vontade absoluta, nem como um ente completamente determinado pelo fado. É nesse sentido que ele conclui o texto da seguinte forma: a “livre vontade absoluta, sem fado, transformaria o homem em Deus; o princípio fatalista em um autômato”. Desse modo, “para o estudante de Pforta, o ser humano não poderia ser compreendido como um ‘Eu autônomo’ separado do vir-a-ser, nem como um simples juguete das determinações do mundo, pois cada homem estaria integrado a todos os outros círculos que constituem o cosmo”. Portanto, a abertura do mundo, materializado nas escolhas que o ser humano realiza, não pode se dar fora dessa realidade que o eterno retorno delinea. O eterno retorno garante um posicionamento niilista, na medida em que, retira do ser humano a possibilidade de se

mas o horizonte com o qual o sujeito lida e que, com sua força criativa, é capaz de retomar e ressignificar. Partindo da análise do Zaratustra de Nietzsche, Vattimo (2010, p. 319) afirma que “o homem velho também é algo que volta eternamente, e essa consciência é a doença de que ele vive precisamente a interminável convalescença”. Para superar (*Verwindung*)<sup>5</sup> essa objetividade histórica, ou seja, uma retomada irrefletida desse homem velho, com seus hábitos e verdades, o círculo hermenêutico deve ser entendido a partir de uma perspectiva niilista, a fim de ser uma garantia de que esse retorno ao passado, do qual o ser humano não pode se desligar, seja diverso de uma presentificação desse passado.

Outro elemento a que o círculo hermenêutico remonta é a generalização do modelo hermenêutico às demais ciências. Vattimo, motivado pelo pensamento de Gadamer, afirma que a universalidade hermenêutica só é possível por causa da linguisticidade do ser. Quer dizer, o ser é linguagem e é por meio dela que ele se mostra e se vela. Nesse sentido, o modelo científico se torna insuficiente, mesmo porque, findada a relação sujeito-objeto, não se pode falar que a verdade científica seja a mais significativa e verdadeira. Por isso, continua ele, “até o conhecimento científico é interpretação enquanto articulação do compreendido” (Vattimo, 1988, p. 32). Desse modo, o caráter universal da hermenêutica se deve ao reconhecimento de que toda teoria ou pesquisa científica já se encontra num mundo de sentido. É por habitar uma linguagem que os entes lhes são acessíveis. Assim, em alguma medida, os enunciados científicos são também interpretação. O caráter hermenêutico de todo tipo de experiência está na mediação entre experiência e mundo, realizada pela linguagem. A partir disso é que se pode falar da generalização e universalização da hermenêutica em favor do conhecimento. E em Heidegger isso é ainda mais visível, uma vez que o autor não estabelece um limite claro entre as ciências da natureza e do espírito como Dilthey havia feito (Vattimo, 1988). Por isso, a universalidade da hermenêutica aponta para o processo infinito que é a interpretação e, também, para essa nova historicidade do conhecimento que, na perspectiva do eterno retorno, já não é mais contemplação dos objetos, “mas ação que modifica o contexto a que pertencem e dentro do qual se inserem” (Vattimo, 1988, p. 33). Indo além de Vattimo, quando Harvey, ao falar sobre o desconstrucionismo de Heidegger e Derrida como algo mais que uma posição filosófica, ou seja, defendendo o desconstrucionismo como uma maneira de lidar com textos, afirma que nenhum escritor cria um texto isento da herança de escritos já existentes, e que nem mesmo os leitores são isentos daquilo que um dia já foi produzido. Isso marca o processo infinito da interpretação, de tal modo que “a vida cultural é,

---

colocar como um ser absolutamente autônomo, identificável com Deus. Nesse sentido é que o eterno retorno não seria um conceito metafísico, mas, lançando o ser humano na contingência, aponta para um enfraquecimento da concepção que ele tem de si mesmo. Segundo Neto (2018), o destino não se opõe de modo excludente com a livre vontade, mas numa relação de oposição que garante a existência de ambos. “Ou seja, seria justamente a oposição conceitual entre elas que daria as características definidoras de cada uma: ‘livre vontade sem fado é tão pouco concebível como o espírito sem real, bem sem mal. Pois só a oposição cria o atributo’” (Neto, 2018, p. 123). No ensaio *Fado e História* (2005), Nietzsche elabora uma cosmovisão em que o Universo se encontra organizado em círculos concêntricos, em que se percebe diversas dimensões, umas inseridas nas outras. Desse modo, os menores círculos estão mais próximos do centro enquanto os maiores se distanciam e abarcam esses pequenos círculos dentro de si. Os círculos mais amplos, aponta Nietzsche, caracterizam a história universal, e os menores, as histórias locais, de cada povo e cultura. Nessa lógica, o ser humano se insere nos círculos menores, e no interior deles é que se torna possível as escolhas e a vontade livre. Assim, o círculo em que o ser humano se encontra, está inserido em círculos maiores, com suas determinações sociais e físicas. Seguindo essa lógica, conclui Neto (2018, p. 125), “logo, essa ‘vontade individual’ — apesar de concebível na hipótese cosmológica em questão — consistiria numa parcela ínfima do grande vir-a-ser, o qual se desenrola de forma majoritariamente determinista. Em suma, essa ‘vontade individual’ é concebida, aqui, como estando sempre circundada por um ‘fado’ cultural, biológico e físico”. Talvez estaria aqui a possibilidade de se compreender o eterno retorno e seu movimento cíclico como algo niilista: o que aponta, inclusive, a pequenez do ser humano, livre, no universo.

<sup>5</sup> A explicação que Vattimo faz desse termo, em *Adeus à Verdade* (2016), é particularmente esclarecedora: “[...] o prefixo *ver* alude, embora muito vagamente, a uma ‘distorção’, uma mudança de direção no movimento que não comporta algo de radicalmente novo, mas apenas um pequeno diversivo. A importância do conceito de *Verwindung* reside completamente nesta alusão a uma mudança que parece ser possível, em vez da ‘superação’ e da ‘revolução’, exatamente porque não prevê a força e a violência de uma subversão geral [...]” (Vattimo, 2016, p. 127).

pois, vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos” (Harvey, 1992, p. 53). Pode-se dizer, para além de Harvey que o sentido de eterno retorno na hermenêutica está nessa intersecção constante não somente de textos, mas de um modo amplo, da linguagem.

A terceira característica desse círculo hermenêutico diz respeito à centralidade da linguagem na elaboração do problema ontológico e, por isso, interpretativo. Ela aponta para a marca dialética do conhecimento e da história, por um lado, enfatizando o caráter de acontecimento da história e, por outro, mostrando que “a interpretação é um processo *in (de)finido* onde cada resposta, na medida em que atinge o próprio ser do apelador como o ‘outro’ do diálogo, transforma e modifica o caráter do apelo, e embora não encerre o discurso, faz surgir novas questões” (Vattimo, 1988, 36). Esse aspecto dialético, mais uma vez, reporta ao sentido do eterno retorno no círculo hermenêutico que põe fim ao caráter definitivo da verdade, apelando para sua conotação linguística e dialógica. E Vattimo (1988, p. 36) conclui que “à ontologia hermenêutica é, portanto, coessencial uma visão da história como história da linguagem e como diálogo aberto”. Aqui se encontra o cerne da concepção vattimiana de que a hermenêutica é niilista, não somente ao corroer qualquer estabilidade da verdade interpretativa, mas mostrando que antes do sujeito há um horizonte histórico dado e que independe de suas “verdades”. Por isso, a hermenêutica se constitui numa experiência de interpretação do mundo. Em outros termos, a hermenêutica promove uma radical “destranscendentalização” do a priori kantiano. Ele não é mais uma estrutura estável que articula as condições de possibilidade do conhecimento, mas é constituído na historicidade da linguagem.

Finalmente, vale resgatar a ideia de que essa interpretação do mundo é realizada pelo *Dasein*, o ser humano imerso na temporalidade, e que nos termos nietzschianos é identificado como *Übermensch*. O *Übermensch* não é uma ideia metafísica do ser humano, que extrapola sua humanidade, e se torna capaz de olhar o mundo de fora, de um ponto de vista de Deus, para poder compreendê-lo e significá-lo. É importante ressaltar, como anteriormente, que o *Übermensch* é o ser humano forte, não enquanto domínio, mas enquanto vontade de vida, a que Nietzsche denomina vontade de potência, ou mesmo, como afirma Vattimo (1992, p. 33), aquele ser humano capaz de viver sem neuroses. É o ser humano emancipado e que tem coragem de se colocar num mundo plural, sem medo, um mundo menos unitário, e por isso, menos tranquilo. Esse mundo é o da hermenêutica, da pós-modernidade, em que a condição humana carrega os traços do niilismo. Segundo Vattimo (1998, p. 21), essa condição se identifica com aquele contexto em que:

A ciência fala de objetos cada vez menos equiparáveis aos da experiência quotidiana, razão pela qual já não sei muito bem a que é que devo chamar ‘realidade’ – aquilo que vejo e sinto ou aquilo que encontro descrito nos livros de física, de astrofísica; a técnica e a produção de mercadorias configuram cada vez mais o meu mundo como um mundo artificial, em que também as necessidades ‘naturais’, essenciais, já não se distinguem das que são induzidas e manipuladas pela publicidade, pelo que também aqui já não tenho nenhum parâmetro para distinguir o real daquilo que é ‘inventado’.

A realidade niilista, do fim das verdades, em que se encontra o *Übermensch* exige dele uma capacidade de significar a vida, considerando não ser plausível a afirmação de valores e verdades superiores a ela. Nessa condição de enfraquecimento, em que a ordem objetiva do mundo foi dissolvida, “quem não se torna um super-homem (alguém capaz de interpretar de verdade) hoje é destinado a perecer, ao menos como indivíduo livre” (Vattimo, 2016, p. 101). Nesse instante se evidencia, sobremaneira, o que se quer dizer quando se identifica *Übermensch* e *Dasein*: espíritos livres que são capazes de promover a fabulação do mundo verdadeiro sem, contudo, serem promotores de uma compreensão relativista da realidade.

## O mundo que se torna fábula não é relativista

Através da hermenêutica e de seu caráter linguístico, como se vê, é possível entender o que Nietzsche quer dizer ao afirmar que “o mundo-verdade se tornou fábula” (Nietzsche, 2001, p. 27). E nessa fabulação, segundo Nietzsche, nem mesmo o mundo aparente consegue se manter. Desse modo, diz Pieper (2007, p. 46), resta ao ser humano “assumir a interpretação enquanto constituição de mundo”. É um despedir-se da verdade enquanto fato para compreendê-la como algo que “se constrói com o consenso e o respeito da sociedade de cada um e das diversas comunidades que convivem, sem se confundir, em uma sociedade livre” (Vattimo, 2016, p. 17). O niilismo de Nietzsche aponta para essa consumação da verdade objetiva de tal modo que essa verdade se tornou fábula porque o *Übermensch* percebeu que o mundo estável deixou de existir desde o momento em que a técnica permitiu a ele fazer do mundo aquilo que ele quisesse. Desse modo, as coisas não são o que são, como que reflexos do mundo das ideias de Platão, mas são aquilo que o ser humano é capaz de fazer delas, mudança constante, devir, percepção de Heráclito. Como se pode ver, com a fabulação, o que resta é o mundo do vir a ser, do espírito livre e interpretante que não reivindica o valor de verdade, mas que mergulha na proximidade, que segundo Vattimo, é um viver que se subtrai à *ratio*. “No plano do conhecimento, tal viver na proximidade manifesta-se também como amor pela superfície das coisas” (Vattimo, 2017, p. 191) isto é, de um modo diverso daquela profundidade pretendida pela metafísica. Assim, a fabulação é, em Nietzsche, a proposta de uma nova articulação entre o sensível e o inteligível, que supera a concepção platônica de supremacia das ideias sobre as experiências sensíveis.

Nesse ponto vale lembrar que a fabulação do mundo promovida pela hermenêutica não pretende aniquilar a verdade e propor, com isso, um relativismo ou irracionalismo. Para Vattimo é importante defender a hermenêutica niilista de uma sua possível identificação com o relativismo, com a arbitrariedade ou o esteticismo. Há uma verdade na hermenêutica, que não é adequação, mas abertura. A questão que se coloca aqui é a seguinte: como manter um pensamento crítico com o fim da metafísica e sua ideia de verdade? Como evitar o relativismo sem incorrer no dogmatismo metafísico?

Para Vattimo, a dissolução permite entender que tudo é interpretação e por isso, a história do enfraquecimento é um critério para a afirmação da verdade enquanto abertura. O fato de reconhecer que a verdade é interpretação não quer dizer que tudo deva ser aceito. A interpretação tem de ser qualificada. Por isso, Vattimo defende a verdade da hermenêutica e, depois de toda sua proposta de superação da metafísica, propõe a reconstrução da racionalidade, evitando assim, a acusação de relativismo. E porque Vattimo não é relativista? Segundo Girard (2010, p. 51), o relativismo resulta da falência da antropologia moderna que não deu conta de “explicar as diversas culturas humanas como um fenômeno unitário”. Desse modo, a impossibilidade de uma definição da verdade acaba por resultar no entendimento de que ela se dá segundo o ponto de vista de cada ser humano. Com isso, o relativismo se torna um pensamento metafísico às avessas uma vez que não supera a concepção de essência, mas acaba por afirmá-la em cada um dos pontos de vista. O relativista não se preocupa com a validade de determinada posição, uma vez que todas são válidas, legitimando assim todos os pontos de vista como verdadeiros. Nessa lógica do relativismo, segundo Vattimo, somente Deus poderia ser relativista no sentido pleno. E confirma: “Penso em um Deus relativista porque é o único que pode sê-lo na verdade, dado que observa todas as culturas do alto, Deus não é o conteúdo de uma proposição, mas uma pessoa que veio até nosso meio e nos deixou um exemplo de caridade” (Vattimo; Girard, 2010, p. 50).

Ao ser humano, contudo, depois de realizar essas superações e enfraquecer a ideia de verdade, resta uma aproximação com o outro, suas concepções diversas, suas escolhas e projetos,

numa relação de amizade que no fundo traduz o respeito pelo diferente. É a partir daí que a hermenêutica se aproxima de uma nova ideia de verdade, tendo como ponto de partida a concepção de que o ser é acontecimento, que se pode ser entendido, nos termos de Nietzsche, com o famoso anúncio da morte de Deus. Mas, não seriam também, nesse viés, ainda metafísicas essas proposições? Segundo Vattimo, essas são proposições que apontam para o cumprimento da metafísica, mas também o processo de abertura para um pensamento enfraquecido. Heidegger, ao afirmar a eventualidade do ser, por exemplo, não garante ser essa a leitura mais adequada, como se soubesse como é a atual estrutura do real. A novidade é que não se coloca os termos em oposição, ou seja, a metafísica não foi substituída por uma forma melhor ou mais adequada de pensamento. Há uma dimensão anterior que não é negada, nem mesmo apontada como errada, mas distinta. Por isso mesmo, não se dispensa a metafísica como erro superado. Ela também é um dos modos pelos quais o ser se dá. Não se trata de afirmar uma verdade mais adequada, mas de responder ao ser como acontecimento, o que resulta na “impossibilidade de ainda se pensar o ser como *Grund*, como princípio primeiro” (Vattimo, 1999, p. 115). Buscar respostas não é sinônimo de afirmar verdades. Ao buscar responder um apelo, o ser humano não se arroga uma posição de verdade, porque é capaz de reconhecer que tantas outras respostas podem ser dadas a esse mesmo apelo. Esse é o sentido da verdade como abertura.

O que permite então dizer que esse não é um pensamento relativista? Uma vez que as interpretações são respostas ao sentido do ser, e essas são formuladas a partir do habitar do ser humano na linguagem, o relativismo é superado quando o intérprete é motivado pela caridade. Frente a diversidade de culturas e a pluralidade de interpretações, o amor-caridade se torna o critério de distinção entre as interpretações menos favoráveis ao ser humano. A partir desse critério, se compreende que a maneira de o ser humano habitar uma linguagem é inserir-se no horizonte contextual de modo enfraquecido, aquele “horizonte histórico-cultural compartilhado por uma comunidade que fala a mesma língua, dentro da qual vigoram regras específicas de verificação e de validação” (Vattimo, 1999, p. 119), portanto, que tem seus parâmetros na caridade que deve ser esse princípio da vida comunitária. A ideia de que o ser humano habita a linguagem aponta esse habitar como “a condição primeira do meu dizer a verdade” (Vattimo, 1999, p. 120), implicando assim o caráter interpretativo do meu pertencimento à verdade. Isso resulta em reconhecer que não existe uma estabilidade, senão o intérprete estaria novamente buscando fundamentos. Esse inserir-se num horizonte aponta para um horizonte aberto. É nesse sentido, por exemplo, que se pode encontrar diferentes leituras e interpretações dos textos bíblicos, cada qual, dialogando com o horizonte no qual está inserido o intérprete. O texto dialoga com esse horizonte, e não se encerra ali. Enquanto estruturava-se numa verdade absoluta, por exemplo, na tradição Católica e seus dogmas, ou nas verdades moralizantes dos evangélicos, essa interpretação dos textos Bíblicos não dialogaria com a realidade a partir dessa abertura, porque a verdade interpretativa já estava dada. Isso não quer dizer que tais interpretações estariam erradas, todavia, são menos favoráveis que aquelas que se realizam no contexto do enfraquecimento.

Outro exemplo é esclarecedor acerca daquilo que Vattimo quer afirmar: o fato de que as mulheres muçulmanas podem ser apedrejadas até a morte, quando cometem adultério, escandaliza as civilizações ocidentais. Ao criticar essa prática e supor que há nela um ato desumano ou que se trata de um desrespeito aos direitos humanos e da mulher, faz-se uma leitura a partir de um horizonte diverso daquele em que os fatos ocorrem. O modo em que o ser humano ocidental compartilha um horizonte histórico e habita a verdade, permite dizer que essa atitude é desumana e desrespeitosa no contexto em que as leis e tradições ocidentais também recriminam tal ato. Ou mesmo, quando passivamente a comunidade internacional aceita que certas ações dos governantes, como Donald Trump ao deportar de modo desumano e como criminoso os cidadãos

de vários países, não se fazendo uma crítica severa ao modo como o procedimento é realizado, beirando inclusive à desumanidade, caímos no relativismo. Silenciar-se diante dessas atitudes acreditando se tratar de uma verdade desses povos seria relativismo. Aqui se mostra a importância daquele critério de interpretação que é a *caritas*. Quando o amor é o critério, é possível dizer que está errado o apedrejamento de mulheres muçulmanas ou a deportação desumanizada. E Vattimo escolhe a *caritas* por uma razão muito simples: ele pode ser um princípio ético de julgamento, mas não diz especificamente o que se deve fazer. Portanto, ele tem algo de um imperativo categórico (e universalidade), mas não se coloca como conjunto de regras. Por isso, para Vattimo, é possível interpelar o outro a partir do nosso horizonte. Uma vez que os horizontes não são estáveis, eles se alteram a partir dos encontros. Portanto, há trocas entre eles. Desse modo, o ocidente, a partir de sua herança, pode e deve interpelar uma prática como essa, apontando se tratar de leis criadas por determinada cultura, e não imposta pela natureza. Nem mesmo se fosse dado como uma lei fundamentada na natureza, o ponto de vista do ocidente pode ser posto como uma lei imutável. Afinal, não somente é possível haver essa discussão, como ela é desejável.

Mas esse habitar a verdade, que a hermenêutica permite, como uma maneira de evitar o relativismo e manter a racionalidade na pós-modernidade pode ser entendida de modos diversos, ou com diferentes ênfases. Por exemplo, para Alessandro Rodrigues Rocha em *Filosofia, religião e pós-modernidade: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo* (2013) esse princípio racional seria chamado de princípio da racionalidade aberta em que acontece a mudança de um “eu ensimesmado e estéril produzido pelo racionalismo fechado e sua separação sujeito-objeto, a um nós fértil e regenerativo que compõe a racionalidade por uma racionalidade aberta” (Rocha, 2013, p. 50). Isso caracteriza, segundo o autor, a posição reativa da pós-modernidade, na qual o sujeito está inserido não num mundo novo, mas de uma maneira nova. Rocha enfatiza a nova subjetividade como suporte dessa racionalidade que permanece na pós-modernidade. Segundo ele, quando se amplia o conceito de racionalidade, então se supera a subjetividade fechada abrindo espaço para uma racionalidade aberta em que “o ser humano vivencia a alteridade” (Rocha, 2013, p. 52). No fim, o que o autor aponta como racionalidade é identificado como aquele modo de habitar a linguagem, o horizonte histórico-cultural em que acontece o diálogo, o critério da caridade.

Já Vicente de Paula Ferreira em *Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo* (2015) enfatiza o niilismo como o elemento positivo que “considera o enfraquecimento do ser não como simplesmente ausências de critérios” (Ferreira, 2015, p. 82), mas possibilidade da vivência do amor que enquanto movimento em constante atualização é o critério da hermenêutica niilista e da abertura para a pluralidade de interpretações. A ênfase no amor é justificada a partir da consideração de que ele viabiliza relações não violentas, sobretudo, como componente do diálogo, e como responsabilidade pelo outro. No fundo, também Vicente Ferreira acaba enfatizando o diálogo como componente dessa verdade que se propõe na pós-modernidade como uma possibilidade diferente do relativismo. Tais considerações, permitem compreender a verdade de um modo diferente daquele metafísico.

Finalmente, é necessária uma dedicação às consequências da hermenêutica na compreensão da história e a possibilidade de se entender, nesse sentido, a história como história da salvação, como a idade do Espírito no qual a interpretação tem papel preponderante.

### **Da história como progresso à história da salvação**

É no bojo de uma compreensão da história que se pode falar do fim das verdades absolutas. Para isso é importante distinguir a concepção de história que é superação daquela ideia de acontecimentos lineares e progressivos apresentada pela modernidade. Na obra *Depois da*

*Cristandade* (2004), Vattimo verifica no transcurso histórico o acontecimento da história da salvação, que nos dizeres de Gioacchino da Fiori pode ser identificado a partir das três pessoas da Santíssima Trindade. O amadurecimento da ideia de que a história não tem um curso unitário se dá nesse contexto de enfraquecimento do ser e de niilismo que Heidegger e Nietzsche têm inspirado, somado à antropologia e sua abertura para a diversidade cultural e o reconhecimento das diferenças. Vale a pena lembrar que se acrescenta a esse contexto a própria hermenêutica e sua defesa da pluralidade de vozes e interpretações. Por isso, a história vista sob a ótica europeia deve ser superada, não fazendo mais sentido dizer desse desenvolvimento único.

Essa concepção da história como história da salvação tem que considerar a secularização como um aspecto da própria história do ser. Uma vez que “é justamente com a dissolução da metafísica que renasce a abertura para a experiência religiosa por parte do pensamento filosófico e, ainda, da cultura e da mentalidade coletiva das nossas sociedades” (Vattimo, 2004, p. 38). Desse modo, a secularização é uma resposta positiva à tradição religiosa, visto que garante, inclusive, sua permanência nessa mesma sociedade. Por isso, continua Vattimo, a secularização é essa capacidade de distanciamento que qualifica a modernidade sendo “um fato interno à história da religiosidade do Ocidente, e que a caracteriza em sentido forte, em vez de representar um fenômeno estranho e hostil a ela” (Vattimo, 2004, p. 38). Isso só é possível na medida em que a verdade, no sentido forte concebido pela modernidade, deixa de ser algo em mãos, ou seja, alguma coisa que se encontra no domínio do ser humano. Assim, a morte de Deus, e toda crítica à metafísica que lhe subjaz, é a abertura de espaço para essa história de secularização que é também história do retorno da religião e, com isso, história da salvação.

Isso implica no reconhecimento de que a revelação bíblica não é objetiva, e plena, e por ser assim, exige sempre a compreensão e a atualização de sua mensagem por parte daqueles que dela se apropriam. Por detrás dessa valorização da interpretação se encontra, inclusive, uma concepção de história em que se sugere conhecer no passado, na revelação e em toda a tradição interpretativa da mensagem bíblica, as bases adequadas para a ação do ser humano no presente. Essa seria, caracteristicamente, a expressão da Idade do Espírito Santo, aquela que, de acordo com a leitura que Vattimo faz da teologia de Gioacchino pode ser identificada com a pós-modernidade. A máxima expressão dessa concepção de história da salvação está no fato de que ela diz respeito não àqueles que receberam o anúncio, mas ao próprio anúncio. Por isso, é a história da interpretação dessa mensagem, e não de sua literalidade, tendo em vista que “o Espírito não se elucida a não ser em forma simbólica, com uma reserva sempre oculta, e não se deixa reduzir, por definição, ao rigorismo que seria necessário a profecias pontuais e realísticas” (Vattimo, 2004, p. 42). A salvação está em curso e não findada com a vinda de Cristo, prova disso é que o mesmo Cristo envia o Espírito sobre os discípulos a fim de que prolonguem a mensagem salvífica dando continuidade à sua ação e pregação. Com isso, a salvação não se encerra nos anos em que Cristo esteve junto dos seus discípulos, em meio ao povo, fazendo curas e proclamando a mensagem evangélica, podendo ser revisitada e reinterpretada, inclusive, na atualização das narrativas bíblicas. Nesse sentido é que Derrida, em *A Escritura e a diferença* (1995) fala sobre a historicidade da obra que não é apenas um retorno ao passado, ao momento produtor, que no contexto do Novo Testamento se identificaria com a presença viva do Cristo, com seus discursos e profecias, suas reinterpretções do Antigo Testamento e suas novas propostas, mas “a impossibilidade que ela experimenta de alguma vez ser no *presente*, de ser resumida em qualquer simultaneidade ou instantaneidade absolutas” (Derrida, 1995, p. 29), ou seja, nunca está encerrada e fechada, totalmente acessível a mensagem que a obra carrega. Sobretudo, no contexto bíblico que aqui é apontado, não há um sentido real do texto, dos símbolos, das parábolas e das narrativas do Cristo que suporia acessar a totalidade da mensagem, esgotando sua comunicação. Elas terão de ser, sempre e cada vez mais, atualizadas como um acontecimento que não se findou naquele passado, ou nesse presente. Por

isso, a história da salvação não se identifica com a história do progresso que pontualmente faz demarcações de épocas e rompimentos, sobremaneira, que busca inovar propondo romper com a história épica, edificada nas grandes narrativas. A historiografia do progresso deixa então de se voltar para os acontecimentos da natureza e da vida material do ser humano e se volta para a sua humanidade.

Segundo Marcelo Jasmin, na obra *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política* (2005) a partir do Iluminismo a história se emancipa das cronologias formadas pelos astros e os seus ciclos e, com uma nova noção de tempo, o progresso e a razão passam a significá-la tendo por meta alcançar um *telos*. Nesse sentido, continua o autor, “a história profana ganhava ares de sacralização: portadora de um significado, esclarecia a natureza de cada um de seus eventos ao interpretá-los como estágios na realização de um *telos* definido” (Jasmin, 2005, p. 22). Contudo, é possível perceber que a própria concepção de história da salvação, que em Vattimo se apresenta como distinta da história do progresso, tem seu mesmo vício: um *telos* definido, a saber, a busca pela perfeição do ser humano e de sua redenção. No sentido laico de Vattimo, uma redenção que se daria através da secularização, como garantia da liberdade do ser humano. Redenção, nesse sentido, se identifica com liberdade, uma vez que na medida em que o ser humano se afirma, e rompe com os determinismos históricos e naturais, é que ele se redime dos absolutos metafísicos. Inclusive, essa mudança histórica que se espelha mais na natureza humana que nas condições materiais da vida, para Jasmin, é que permite admitir “uma espécie de pluralidade de mundos humanos com a possibilidade de formas inéditas de vida” (2005, p. 23) resultando assim numa abertura ao futuro. Se para nós, a história da salvação e do progresso contém o mesmo princípio, para Vattimo há entre elas uma diferença.

Essa história da salvação tem muito do impulso dionisíaco, que aponta para o fato de que não há fórmulas suficientes para esgotar a história num passado e seu sentido numa estabilidade. A história enquanto história da salvação é criatividade e deve apontar para o simbólico, para aquilo que é sempre possível e que se dá como abertura de significado da letra e do texto. Essa história não é uma reação às pretensões metafísicas, mas o apontamento para um horizonte de interpretação que promove o diálogo e supera a evidência. Nessa trajetória, afirma Vattimo, o ocidente passa por três idades que caracterizam a concepção de história de Gioacchino: “O primeiro é aquele que vivíamos sob a lei; o segundo, aquele em que vivemos sob a graça, o terceiro, cujo advento está próximo, aquele no qual viveremos em um estado de graça mais perfeito” (Gioacchino *apud* Vattimo, 2004, p. 43). Convém observar que, para Fiori, a Idade do Pai é a do Antigo Testamento, do cumprimento das leis e do cerceamento da liberdade. Momento em que o ser humano está sujeito às vontades e desígnios de Deus a ponto de serem incapazes de conduzir, por si mesmos, o curso de sua salvação. É o Deus ciumento, que liberta seu povo, mas que também o pune. Na lógica da criação, é o momento em que o ser humano, criatura de Deus, se coloca ao seu dispor e se torna uma marionete em suas mãos. O sentido já está dado, não há o que interpretar, Deus mesmo conduz e estabelece a ordem das coisas, restando ao ser humano a aceitação. É o momento em que Deus cria pela palavra, e nesse sentido, o mundo surge como um “milagre da linguagem” (Gadamer, 1997, p. 610).

A Idade do Filho é a da graça, da fé, da servidão filial. Ela retrata a encarnação de Cristo que assume a natureza humana e já aponta para o enfraquecimento das verdades que o Antigo Testamento sustentou durante séculos. O filho que se encarna se torna a chave interpretativa do Antigo Testamento, e a partir dele um novo sentido é dado à relação entre o ser humano e Deus: não mais uma restrita relação entre criador e criatura, mas numa relação filial. Essa nova maneira de entender o *logos* grego como o verbo encarnado, em termos cristãos, aponta para uma dimensão, segundo Gadamer (1997), até então velada aos gregos, a saber, a encarnação liberta o *logos* de sua espiritualidade, “pois diferente do *logos* grego, a palavra é um puro acontecer” (Gadamer, 1997,

p. 609). A palavra se torna som, deixando de ser a restrita expressão do Pai, sendo expressa pela voz. Mais uma vez, a relação entre linguagem e pensamento é tida como um mistério, e Gadamer (1997, p. 611) esclarece: “O maior milagre da linguagem não se estriba em que a palavra se faça carne e apareça em seu exterior, mas no fato de que o que emerge e se manifesta em sua exteriorização já é sempre palavra”. Nessa lógica, se aponta a Idade do Espírito, aquela em que se dá a unidade entre Espírito e palavra. Segundo Vattimo (2004), a Idade do Espírito era profetizada por Gioacchino. Mas, numa apropriação bem livre, ele entende que ela se concretiza naquilo que é chamado de pós-modernidade. Esse é o tempo da liberdade, da caridade e da relação de amizade. O Espírito corresponde à inteligência que é capaz de dar novo sentido ao Antigo e ao Novo Testamento. Por ser embasado nessa liberdade interpretativa, a Idade do Espírito não encontra seu fim, ela é a possibilidade do sempre novo, principalmente no que diz respeito à interpretação. Isso prova que a salvação está em curso e não se limitou à encarnação, morte e ressurreição de Cristo. Essa Idade representa, aquilo que Heidegger entende como um modo poético de o ser humano habitar o mundo, não no sentido de uma alienação da realidade ou de fuga da mesma, mas o modo como se dá sua existência a partir do “apelo da linguagem”, como diz Heidegger, que não é o rebaixamento da linguagem a um meio de expressão, mas o reconhecimento de sua soberania reconhecendo que “a linguagem é que fala. O ser humano fala apenas e somente à medida em que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem” (Heidegger, 2008, p. 167), apontando para o fato de que a linguagem é condição de possibilidade, sendo que todo habitar é, em última instância, poético. Nessa lógica, a linguagem é o apelo mais elevado que aponta para a essência das coisas, não no sentido de que ela demonstra a essência de algo ao empregar as palavras e nomes, mas estimula uma co-respondência do ser humano a seu apelo, fazendo que ele acolha o sentido e o interprete. Esse caráter interpretativo que indica para o acontecimento histórico-salvífico como eventualidade permite Vattimo (2004, p. 55) afirmar que

a história da salvação anunciada pela Bíblia se realize nos eventos da história mundana, que, portanto, não representam apenas uma prova à qual o homem deve se submeter para obter a vida eterna, ou uma condição de exílio da qual é preciso fugir o quanto antes. A história da salvação passa por nós por meio dos acontecimentos da modernidade; e eventualmente da sua crise, visto que as teorias da pós-modernidade falam a respeito de um fim da modernidade e de um fim da concepção da história como progresso linear.

Nesse sentido é que Karl Löwith (2006), por exemplo, aponta para a concepção heideggeriana de historicidade no qual o ser humano enquanto existente está a caminho até algo. Isso não quer dizer que Heidegger esteja falando de uma meditação ou de uma contemplação, mas que o ser “está-a-caminho”, ou seja, determinado por uma procedência e em movimento, se põem em marcha para alcançar uma meta, apontando para a sua inserção no tempo e na história.

### **Considerações finais**

A hermenêutica niilista proposta por Vattimo tem na linguagem o lugar da mediação entre o ser humano e o mundo, de tal modo que o fato de estar-no-mundo é compreensivo e se expressa no discurso que a linguagem garante. Ela também permite que o ser humano possa falar de sua experiência do mundo e tornar compreensível essa experiência. Todavia, nenhum discurso ou interpretação da realidade pode se apresentar como o fim das possibilidades. A condição de abertura é elementar para esse enfraquecimento das verdades metafísicas. Nota-se que não há uma pretensão de afirmação da hermenêutica niilista como a nova verdade diante da qual a

compreensão do mundo se desdobra, mas como possibilidade. Essa característica da continuidade e do retorno é a garantia de uma compreensão diversa da história.

Essa visão de que a salvação é histórica e contínua deve ser lida com cuidado para que dessa forma não seja aberta a possibilidade de regimes autoritários que se veem como o coroamento do acontecimento histórico identificando-se com a salvação, risco que vemos surgir cada vez mais no âmbito da política internacional. Por isso, é fundamental ter como pano de fundo o fato de que a eventualidade do ser e seu enfraquecimento apontam para a espiritualização da Escritura e, portanto, da secularização das verdades metafísicas. Nessa lógica é que se deve entender o enfraquecimento da ideia de verdade, tendo em vista que “a verdade do ser já não tem, como em Hegel, a tendência a desenvolver-se sempre com maior riqueza até um ‘âmbito do espírito’, mas a tendência oposta a retirar-se cada vez mais” (Löwith, 2006, p. 205). Assim, a história como história da salvação permite vislumbrar a secularização no horizonte da filosofia e com ela, a condição interpretativa do mundo e da vida.

## Referências

- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FERREIRA, Vicente de Paula. *Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2015.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*, Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a história como ciência da política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- LÖWITH, Karl. *Heidegger, pensador de um tempo indigente: Sobre la posición de la filosofía en el siglo XX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- NETO, João Evangelista Tude de Melo. O eterno retorno do mesmo e a subversão da noção de fatalismo. *Discurso*, v. 48, n. 2 (2018), pp. 121–133. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/150913>. Acesso em: 16 set. 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Oliveira. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. Fado e História. In: *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PIEPER, Frederico. *A vocação nãilista da hermenêutica*. Gianni Vattimo e religião. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Filosofia, religião e pós-modernidade: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo*. São Paulo: Ideias e letras, 2013.
- VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio D'água, 1998.
- VATTIMO, Gianni. *Adeus à verdade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- VATTIMO, Gianni. *As aventuras da diferença: o que significa pensar depois de Nietzsche e Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade*, por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche: Ensaio 1961-2000*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VATTIMO, Gianni. *Ética de la interpretación*. Barcelona: Paidós, 1991.
- VATTIMO, Gianni. *O sujeito e a máscara*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação*, o significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. *Cristianismo e Relativismo, Verdade ou fé frágil?* Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Douglas Willian Ferreira. [douglasinvictus@hotmail.com](mailto:douglasinvictus@hotmail.com)